

# Verbetes da paixão pelo pensamento

Mais que reunir conceitos e autores, dicionário filosófico de Regina Schöpke provoca reflexão

**Dicionário filosófico —  
Conceitos fundamentais**, de  
Regina Schöpke. Martins Editora,  
256 páginas. R\$ 38

Mauro Baladi

Nas ciências e nas técnicas, é uma tarefa relativamente simples estabelecer uma “nomenclatura”, uma lista de termos com os seus significados específicos. Mas, em se tratando de filosofia, a tarefa é um pouco mais árdua. Afinal, desde os gregos, os filósofos não param de criar conceitos ou mesmo de dar novos sentidos a antigos termos. Longe de ser um capricho, isto nasce de uma necessidade concreta: a de dar conta do mundo, ou seja, de expressar pelas palavras aquilo que os sentidos e o pensamento apreendem e precisam traduzir sem equívocidade e confusão. Nem sempre isto é possível, vindo por alguns filósofos,

mas esta não deixa de ser a meta de todo pensador. É por esta razão que quem deseja se aventurar pelos caminhos da filosofia, não pode prescindir de um bom guia ou, então, corre o risco de se perder nesta verdadeira “selva de conceitos”.

Sem dúvida, existem excelentes dicionários que podem nos guiar, e eles vão desde imensos volumes a diminutos livros de bolso. Mas nem sempre eles são agradáveis de ler, exatamente por serem demasiado técnicos e eruditos. É por isto que um dicionário que, além de trazer as informações necessárias, ainda estimule a leitura e o próprio pensamento não deixa de ser algo surpreendente. E é exatamente isto

que sentimos quando nos deparamos com o “Dicionário filosófico” da filósofa Regina Schöpke.

O título desta nova obra da autora de “Por uma filosofia da diferença” e de “Matéria em movimento” revela, de fato, a sua intenção: trata-se de um dicionário que se propõe a ser crítico e reflexivo, e é por esta razão que ele se auto-intitula “filosófico” (e não “de filosofia”). Sem dúvida, estamos diante de um dicionário mais autoral, onde cada



conceito ganha voz e beleza em verbetes que mais se parecem com breves ensaios. Sem deixar o rigor de lado, a autora põe os conceitos em movimento, mostrando que eles são estruturas vivas, ou seja, que eles estão

muito longe da fixidez e da imutabilidade que alguns tentam lhes atribuir. É neste sentido que se trata de um dicionário “nômade”, tal como Deleuze definia este conceito. O nômade, diz ele, entende a vida e todas as coisas numa relação de devir, de movimento contínuo. Não é por outra razão que o maior de todos os pensadores nômades, Nietzsche, afirma que o próprio pensamento é ação. Pensar, no seu sentido mais profundo, já é agir, já é transformar a realidade.

## Obra não se satisfaz em copiar o que já existe

É por compreender, portanto, que a principal razão de ser da existência de uma obra de referência é iluminar o caminho daqueles que a consultam (sobretudo dos mais jovens e dos iniciantes, que estão pouco habituados à linguagem filosófica) que a autora oferece, como uma nova Ariadne, um

fio condutor para os que desejam se aventurar pelos labirintos da filosofia. É fato que tanto no que diz respeito ao “espírito” quanto ao corpo, é o esforço constante que garante o fortalecimento. Quer dizer, é o exercício contínuo do pensamento que nos torna mais capazes de pensar. E este dicionário deseja exatamente isso: ser um prazeroso exercício de pensamento e não um depósito de definições frias e secas.

Enfim, pode-se dizer que estamos diante de uma obra inovadora, que não se satisfaz em copiar ou remanejar o que já existe. O que este “Dicionário filosófico” tem em comum com o seu célebre homônimo de Voltaire? Nada, a não ser o fato de ter sido escrito, como ele, com as tintas da paixão — no caso, a paixão pela filosofia. ■

MAURO BALADI é filósofo e tradutor

submundos da rígida sociedade de seu país.



**Insistente aprendiz**, De  
Nelson Savioli • Editora  
Qualitymark, 192 páginas •  
R\$ 15

• Em seu novo livro, Nelson Savioli usa a forma clássica japonesa do haikai, poema em três versos de 17 sílabas, para refletir sobre temas como permanência e transitoriedade. O livro traz ainda o ensaio “Haikai brasileiro: raízes japonesas, frutos tropicais”, texto de uma palestra realizada pelo autor na Academia Brasileira de Letras.